

Representações contemporâneas de São João MariaElisandra Forneck¹

Resenha: WELTER, Tânia. [O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo:](#) Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2007

“[...] vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais. Certamente precisamos de ambos para viver. A memória nos faz lembrar de quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar” (Rosário).

O trabalho de Tânia Welter² analisa os discursos e práticas contemporâneas em relação ao profeta São João Maria em Santa Catarina, discute sua imagem como mito fundante, em torno do qual se constituíram muitos sentidos e analisa de que forma tanto a trajetória como seus discursos são construídos no presente. Para esse estudo, pode-se destacar a base teórico-metodológica de Paul Ricouer para compreender a experiência temporal humana e o “olhar e ouvir” dos discursos joaninos³ contemporâneos. A autora realiza uma pesquisa com sujeitos de recorte étnico diversificado, com pertencimento religioso também diverso, além de sujeitos residentes tanto na zona rural quanto na cidade. As localidades que abrangem a pesquisa integram a região catarinense onde aconteceram os eventos da Guerra do Contestado. Seus entrevistados têm entre 10 e 98 anos de idade e vivenciam condições econômicas e profissionais bem variadas.

Sua tese se fundamenta em intensa pesquisa bibliográfica, visitas a lugares considerados sagrados para os joaninos como grutas, águas santas, igrejas, capelas, participação em rituais religiosos, realização de entrevistas, conversas, análise de imagens, orações e outras estratégias de coleta de dados. A autora cita que um dos motivos que impulsionou a pesquisa está na constatação de que a literatura escrita coloca João Maria quase sempre no passado, mas que nas práticas cotidianas de muitas localidades, [...] suas “orientações e ensinamentos” sobre a vida são seguidos com seriedades, e que suas

1 Graduada em História, especialização em História Regional pela UFFS/Chapecó, mestre em História Cultural pela UFSC. Historiadora no CEMAC – Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito. Email: eliforneck@gmail.com

2 Agradeço imensamente pelos apontamentos e sugestões da autora nesta resenha.

3 A autora optou por denominar de joaninos todos os sujeitos que “[...] reconhecem João Maria na contemporaneidade a partir de referenciais culturais, históricos, religiosos, políticos, turísticos, comerciais ou outros.” p.7.



“mensagens proféticas” são frequentemente apropriadas para interpretação de eventos do passado e situações cotidianas, inclusive por estudantes universitários (p.3).

Buscando analisar os discursos de João Maria no presente, Welter se propõe a “[...] investigar as formas e argumentos utilizados por estes em seu reconhecimento, investigar de que modo ele se inseria em seu modo de vida e o que adicionava ao mesmo” (p.4). A autora utiliza como base a teoria interpretativista de Clifford Geertz para verificar o processo de “[...] produção de significados novos segundo interpretações novas, inseridas em situações novas, envolvendo novos interesses, sempre no sentido de refazer as leituras possíveis [...]” além de, esses mesmos discursos, serem fonte de compreensão do eu, podem “[...] revelar também um mundo desejado ou um poder ser” (p.5).

O primeiro capítulo trata de discutir questões mais teóricas relacionadas à análise de discurso e de teorias interpretativas que buscam entender como os discursos e práticas contemporâneas dos joaninos colocam João Maria como referencial também do presente. Inspirando-se em Paul Ricouer, a autora afirma que “[...] o agir humano, ao ser significado, é objetivado e se autonomiza, marcando o tempo social e registrando-se na história. Desta maneira, torna-se uma “obra aberta” à leitura e interpretação” (p.17). Esta continua citando Ricouer, que segundo ela “[...] defende que todo discurso surge como um evento realizado temporalmente e no presente e que o caráter do evento vincula-se à pessoa daquele que fala” (idem). Welter defende que o discurso oral tem uma tripla referência, pois está relacionado a uma realidade extralingüística, ao seu próprio locutor e ao ouvinte. Para ela, o discurso possui temporalidades distintas no escrever e no falar. No falar ele teria o problema da fixação, e a escrita seria para compensar a “fragilidade do discurso” ao dar possibilidade de fixar a fala.

Para a autora, o discurso sobre João Maria possui temporalidade e é sempre elaborado no presente, sendo que nos eventos singulares ele é significado. “É ele que possibilita pensar numa continuidade histórica, mas também, no tempo da eternidade, da imortalidade e da igualdade. Isto me levou a perceber a importância de observar a questão do tempo”, (p.23) completa a autora. Ela afirma que o tempo não é apenas o vivido, mas significado pelo sujeito ao vivê-lo, ou melhor, “o tempo é uma construção humana e não um dado a priori” (idem).

Ao referir-se e religiosidade dos sujeitos que denomina de joaninos, Welter defende também que, “[...] além de referentes religiosos mais específicos (institucionais ou não), devemos estar atentos para a presença difusa de valores e sensibilidades religiosas na base do



mundo dos joaninos” (p.31). Segundo a autora, “Esta base religiosa, que estaria difusa e profunda na cultura, está orientando práticas, costumes, comportamentos e crenças, fornecendo elementos para interpretar e reinterpretar eventos históricos” (idem). Para os devotos, “o santo é percebido como um mediador com Deus” (p.32). Refletir e compreender essa relação que os devotos têm com seus santos é primordial para interpretar a relação que construíram os devotos de São João Maria com ele, visto como santo.

A autora destaca que a *campesinidade* é marcante para os joaninos. Inspirada em Woortmann e outros autores, Welter afirma que [...] mais do que referências situacionais dos sujeitos, as categorias empíricas terra, trabalho e família, ao receber significações a partir de valores e princípios organizatórios como honra, hierarquia, reciprocidade e gênero, passam a fazer parte do *mundo* dos joaninos e somar-se a outros referências não- ostensivas (p.41).

Welter discute a literatura escrita sobre João Maria tanto por historiadores, antropólogos, sociólogos, acadêmicos quanto por escritores locais, folcloristas, jornalistas e comentaristas em seu segundo capítulo. Observa que muitos autores que referem-se a São João Maria o vinculam ao passado ou a Guerra do Contestado, e na contemporaneidade é visto como figura lendária ou como um mito. A autora observa que estes discursos sobre João Maria podem ser classificados em três grupos: João Maria como sujeito histórico, situado no cenário catarinense; João Maria numa relação direta e indireta com a Guerra do Contestado e, por fim, a contemporaneidade de João Maria. Para Welter, é importante não apenas entendermos sua permanência, mas sim a cultura histórica que define João Maria como central na religiosidade contemporânea dos joaninos de Santa Catarina.

No terceiro capítulo Welter observa João Maria no cotidiano e nos rituais religiosos dos joaninos. Ela tenta demonstrar como as pessoas são incorporadas na totalidade através de rituais religiosos. O cotidiano dos joaninos está impregnado de práticas que muitas vezes não seguem regras de instituições religiosas, que lhes permite a liberdade de crença e, ainda assim, não deixam de reconhecer a autoridade institucional. Esse mundo religioso e de valores é o mundo encantado por João Maria, “que opera em rituais e no controle da indeterminação do mundo” (p.105).

Quando a autora fala do *mundo hierárquico* dos joaninos, destaca alguns aspectos fundamentais: a) a importância das relações familiares, de compadrio e de parentesco, que se constroem no grupo, tanto em relações de consanguinidade quanto de afinidade. b) a prática



do catolicismo “popular”, também chamado de “tradicional”. c) João Maria inserido em rituais da “religião dos antigos”. O duplo batismo, por exemplo, é frequente entre os joaninos, onde o filho é primeiramente batizado em casa e depois na Igreja. d) Participação em rituais como a Recomendação das Almas e a Reza do 25. e) Os benzimentos são muito comuns. As/os benzedeiros e curandeiros (as) se utilizam de conhecimentos sobre ervas medicinais e procedimentos de cura para tratar, por exemplo, problemas de saúde. f) A cruz de cedro é um dos símbolos de João Maria para identificar o diabo, proteger a pessoa e a casa, além de identificar o devoto.

A construção de João Maria como divindade é o tema do quarto capítulo. Os critérios definidos pelos joaninos para este reconhecimento são: características físicas, modo de vida, família, capacidades especiais, missão na terra e atribuída imortalidade. A base do discurso é o conhecimento familiar daquele que fala e, a partir daí, novas interpretações são formuladas. Além de ser utilizada como base da interpretação do mundo, estas servem também como formas de legitimação do discurso das pessoas envolvidas e da cultura histórica.

Os joaninos tem um cuidado especial para descrever João Maria. Usam muito as palavras no diminutivo, como por exemplo: velhinho, barbudinho, altarzinho, bastãozinho, e outros, como uma espécie de afeto que sentem por ele. Falam do desapego de João Maria a valores mundanos, dando ênfase a sua opção de pobreza e penitência. Essa penitência é vista como “um ato de purificação e tentativa de reconciliação com Deus, o que faz de João Maria um salvador” (p.110). Identificar João Maria como pobre traz também uma auto-identificação, percebida em frases como “era simples como nós”. Acreditam que embora tenha aparência humana, João Maria tinha uma capacidade divina, e “a possibilidade de fazer um paralelo com a figura de Jesus Cristo vai se configurando aos poucos” (p.114). Segundo os joaninos, seus poderes divinos possibilitam a João Maria definir quem deve ser punido ou premiado pelas suas atitudes, pois ele teria capacidade de saber o que se passa na cabeça e no coração de cada um. A punição é temida pelos joaninos, por isso devem sempre estar atentos, pois João Maria pode estar colocando-os a prova. Tratar mal uma pessoa que vem pedir ajuda é o mesmo que tratar mal João Maria. Welter conta que “eu própria fui bem recebida e soube posteriormente que eles haviam pensado que eu poderia ser uma enviada de João Maria para colocá-los ‘a prova’” (p.121). Ao divinizar João Maria, alguns joaninos substituem o “Deus sobrenatural” que eles não conheciam, pelo “Deus concreto”, que viveu entre eles (p.123).



Um Deus que chegou com uma missão na terra, que era ensinar o povo, alertar sobre os perigos, sugerir que se preparem para o fim dos tempos onde apenas os bons e justos sobreviverão. Por estes e outros discursos, a autora afirma que João Maria não morreu, continua “encantado no meio do povo”.

O reconhecimento de João Maria como santo e profeta é problematizado no quarto e no quinto capítulo. Para Welter, a construção dessa santidade é elaborada a partir dos elementos selecionados pelos joaninos como qualidades, atitudes e capacidades especiais. Cita um depoimento de uma devota que aponta: “Para nós ele é um santo, mas é um santo vivo, ele não morreu, porque se fosse que ele morresse, ele não fazia tantos milagres, tanta coisa que ele faz (T.S., católica, Fraiburgo)” (p.134). Os joaninos acreditam que ele alcançou a perfeição da condição humana, atingiu a condição de purificado e conquistou definitivamente a vida, por isso, é considerado santo.

A autora cita um depoimento de uma joanina que acredita que “Ele é um profeta de Deus, ele é Mandado por Deus”. Para Welter, impressiona a semelhança entre a caracterização de Jesus nas histórias bíblicas e de João Maria nos discursos dos joaninos. Para os joaninos, João Maria era uma pessoa do povo, como Jesus; era profeta itinerante, profeta missionário, profeta mestre, profeta apocalíptico e profeta comprometido com os pobres e necessitados. Os discursos de João Maria são reproduzidos e formulados na contemporaneidade pelos joaninos, conforme sua vivência. Esses discursos podem ser interpretados de diversas formas, como cita Welter: a luz de situações vivenciadas como indesejáveis, principalmente quando rompem com o que é considerado tradicional e bom; no decorrer do tempo, fazendo parte da dinâmica social e das mudanças e encontrando nelas as evidências da correção da profecia; citam as profecias para expor sua indignação, mas também reação, contra as inovações, que para muitos joaninos, colocam em risco seu modo de vida.

Pode-se observar uma forte referência ao fim do mundo nos discursos joaninos. Ao mesmo tempo acreditam “que o fim deste mundo está diretamente relacionado ao surgimento de um novo mundo, marcado por novas relações sociais, sobrevivência apenas do bem e de pessoas boas e justas e uma beleza natural incomparável” (p.191). Os joaninos acreditam que todas as profecias de João Maria, como inovações tecnológicas, guerras, mudanças climáticas e nas relações familiares, são sinais da chegada do final dos tempos para os pecadores, e que somente João Maria tem o poder de definir quem será salvo e quem será punido.



No sétimo capítulo, Welter se atém a interpretar os discursos de lideranças sociais e políticas a respeito de João Maria. A partir do final da década de 1970, esses discursos se intensificaram, junto com a intensa organização de pastorais, de movimentos sociais, dos partidos políticos “de esquerda” e também em Santa Catarina, a partir do projeto de resgate da memória da Guerra do Contestado através do governo estadual. Para Welter, aos discursos das organizações e lideranças políticas “nos abrem um *mundo* político habitado por João Maria” (p.195). Inspirando-se em Ricouer (1978), a autora afirma que “é possível constatar a multivalência de João Maria ou vê-lo como 'evento fundante', em torno do qual gravitam 'múltiplos sentidos’”(p.195).

João Maria é visto por alguns como um dos líderes da Guerra do Contestado e, por outros, como símbolo da luta contemporânea pela terra em Santa Catarina. A Romaria da Terra em Santa Catarina, “ao evocar João Maria, buscou referenciar o movimento de contestação ao poder dominante e legitimar a organização dos trabalhadores sem-terra” (p.208) Neste processo, ocorreu uma “ressemantização em torno de João Maria – de pregador da palavra divina à guerreiro e homem de luta” (p.200).

Welter observou uma contradição neste movimento de reconhecimento. O mesmo grupo político que esmagou o movimento no início do século XX, buscou resgatar e valorizar, a seu modo, a memória do conflito na década de 1980. Desta forma, o projeto congelou no passado a memória de João Maria e dos protagonistas do movimento, não estabelecendo vínculos com dilemas contemporâneos, ao contrário do que propôs e fez a CPT (Comissão Pastoral da Terra) e o MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra). “Embora com objetivos diferentes, o fato de ressaltar a bravura de personalidades como João Maria no Contestado, também contribuiu em seu processo de sacralização política” (p.222).

Por fim, no capítulo oito, a autora descreve os discursos expressivos a respeito de João Maria em Santa Catarina. A partir da pesquisa empírica, observa que esses discursos em torno de João Maria se institucionalizaram a partir da década de 1970 e 1980, fomentado principalmente pelo surgimento de pastorais e movimentos sociais, que promoveram uma dessacralização de João Maria. A autora aponta a pesquisa de Valentini (2005), onde ele afirma que o filão mercadológico do turismo fez despertar novos símbolos, ícones e interpretações do movimento. Para Welter, “os discursos expressivos, envolvendo a imagem e os símbolos de João Maria, não são formas ingênuas de expressão de uma tradição local ou



devoção pessoal, mas formas de forjar ou popularizar idéias formuladas a partir de referências concretas” (p.223).

Um dos exemplos que a autora cita, é o caso do Museu de Caçador, onde os “caboclos” afirmam não terem participado nas decisões que definiram o local e a construção do espaço, e de certa forma, expressando uma reação contra o aspecto mercadológico associado ao Contestado. A patrimonialização da memória e da história pode muito bem ser notada no que se refere a muitos projetos de resgate da memória do conflito e dos personagens. As práticas apropriadas por muitos destes espaços e expostas como símbolos do conflito e dos sujeitos envolvidos, muitas vezes são [...] diferentes das práticas cotidianas dos joaninos. Estas práticas não se pautam pela fé ou pela religiosidade, mas por metas ou por bandeiras que tratam João Maria como um personagem especial, mas não o equiparam a um santo (p.247).

O trabalho de Welter evidenciou muito bem a contemporaneidade de João Maria em Santa Catarina. Também percebo que seus ensinamentos e práticas impregnam o cotidiano de muitas famílias. João Maria e a Guerra do Contestado são vistos geralmente como algo do passado, distante da realidade, algo que está monumentalizado e se tornou patrimônio cultural. Pelo contrário, a autora demonstrou que as consequências do movimento do Contestado e os ensinamentos do profeta fazem parte da religião e do cotidiano dos joaninos. Seus ensinamentos podem ser visto na religiosidade, nas práticas de cura, nos eventos religiosos, práticas cotidianas que muitos nem sabem ser herança de João Maria.

Destaco algumas conclusões da autora em seu trabalho: para os joaninos, tanto o seu mundo possui valores religiosos, quanto o mundo religioso está impregnado da vida cotidiana e não há uma separação nítida entre o que é o não religioso; Welter constatou também que o mundo religioso dos joaninos é habitado por almas, santos, Deus, Diabo e lideranças laicas, e também de forma muito significativa, por João Maria, que opera juntos aos fiéis nas *indeterminações do mundo*; a base do discurso é o conhecimento familiar daquele que exprime o discurso mas, a partir daí, novas interpretações são formuladas; de maneira geral, os discursos orais, escritos, performáticos e expressivos a respeito de João Maria em Santa Catarina na contemporaneidade que foram construídos pelos joaninos a partir de sua cultura histórica, possuem temporalidade e expressam algo. Por fim, a autora afirma que os discursos a respeito de João Maria tornam-se apropriados para interpretação do mundo dos joaninos,



para controlar as indeterminações do mundo, para anunciar e acabar com o mal, reagir contra aquilo que não está de acordo com sua cultura, estimular a luta política ou anunciar o mundo desejado.

Referências

ROSÁRIO do, Claudia Cerqueira. O lugar mítico da memória. In: *Morpheus* – Revista eletrônica em Ciências Humanas – Ano 1, n 01, 2002.

Recebido em 22 de março de 2016
Aceito para publicação em 23 de março de 2016

